



## LIVRE PARA VOAR: ROMPENDO O CÉU E PARADIGMAS

Gislaine de Fátima Ferreira da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O presente texto centra-se em questões referentes à concepção de corpo, detendo-se no conceito de corpo sem órgão de Deleuze; de sexualidade, embasado nos estudos foucaultianos que problematizam os discursos e os regimes de poder que doutrinam os corpos e elegem, e estigmatizam os anormais; e a dupla vulnerabilidade de mulheres com deficiência, de acordo com Nicolau, Schraiber e Ayres. A discussão pauta-se em um diálogo entre os autores e as autoras supracitados/as, Maia (2001, 2010, 2011) e a obra cinematográfica “The Theory of Flight”, com direção de Paul Greengrass. As linhas e entrelinhas que bordam a vigente trama versam discutir especificamente três recortes do filme em tela, buscando mergulhar nas temáticas de gênero e sexualidade, e sua interface com as diferenças.

**Palavras-chave:** Corpo. Sexualidade. Pessoas com deficiência.

### Revelações e Inquietações


O filme “The Theory of Flight”<sup>2</sup>, com direção de Paul Greengrass, e duração de 1 hora, 40 minutos e 11 segundos, narra a história da protagonista Jane, uma jovem mulher de vinte e cinco anos que desenvolve uma doença no neurônio motor, perdendo seus movimentos e fala de maneira degenerativa. A partir do desejo da personagem principal em vivenciar uma experiência sexual, a obra possibilita problematizar questões sobre a educação sexual; sexualidade de mulheres com deficiência e sobre a concepção/construção dos corpos, atentando-se para os discursos de normalidade.

Partindo do pressuposto de que a norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo (FOUCAULT, 2001, p. 62). Vislumbramos na norma o potencial de transformação, que busca tornar o desviante em normal, para incluí-lo. A norma é uma invenção que busca controlar e/ou destruir as diferenças que escapam e insistem em existir.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do Grupo de Pesquisa: Relações entre a filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Cláudia Maria Ribeiro; e do Núcleo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância - NGIME/UFJF, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Eliana Lúcia Ferreira. E-mail: gis-silva@bol.com.br

<sup>2</sup> Livre para voar (tradução da autora).





Amparando na concepção de Foucault, de que “a norma corresponde à aparição de um bio-poder, isto é, de um poder sobre a vida e das formas de governamentalidade que a ela estão ligadas” (REVEL, 2005, p. 65), compreendemos o diferente sendo o anormal e assim, segregado em um cenário regido pela normalidade. Assim, o vigente estudo apropria-se de artefatos culturais para fomentar discussões sobre temáticas intrínsecas a nossa educação sexual e identitária.

### **Caminhos metodológicos**

Tendo como lentes os referenciais pós-críticos, o presente texto é tecido por imagens e sons, trazendo o cinema para o palco das discussões. Marlucy Alves Paraíso (2014, p.35) destaca a necessidade de explorarmos “elementos da etnografia, netnografia e da etnografia pós-moderna”, ressaltando o compromisso de buscarmos e coletarmos todas as informações dispostas sobre nosso objeto ou sujeito de estudo. Para tanto, o uso de arquivo audiovisual torna-se um importante recurso de pesquisa, propiciando uma reflexão minuciosa sobre os discursos que transitam entre as dimensões do dizível e visível (FOUCAULT, 1996, p. 64 apud SCHWENGBER, 2014, p. 266).

Analisar imagens como suporte metodológico implica posicionar-se diante de uma tradição acadêmica que prioriza os códigos da escrita. Antagonicamente, “as imagens invadem nossa casa e chegam mais ou menos do mesmo modo que a água, o gás ou a luz” (SANTAELLA, 1983, p. 2 apud SCHWENGBER, 2014, p. 266). Devido ao fácil acesso e a probabilidade de fixação, os arquivos audiovisuais são compreendidos como respeitáveis instrumentos metodológicos, que acarretam sensíveis experiências.

A utilização dos artefatos culturais, como filmes, provoca debates e seduz o público, gerando experiências e questionamentos sobre os discursos que imprimem posturas e padrões de conduta.

Por essa perspectiva, este texto visa analisar e discutir três cenas presentes na obra cinematográfica “The Theory of Flight”. O primeiro recorte (00:10:30-00:11:33) subsidiará uma discussão sobre a educação sexual da pessoa com deficiência; a segunda cena (00:33:24-00:35:16) abordará questões sobre gênero e sexualidade, focando na dupla vulnerabilidade das mulheres com deficiência; e, o último recorte (01:11:23-01:17:54) focará na problematização dos corpos.





## Educação sexual

*A câmera navega pelo quarto, mostra demoradamente uma cama hospitalar; medicamentos; fotos de uma menina, provavelmente a protagonista do longa-metragem em sua infância; uma prótese de mão; curativos. O som de gemidos assume a trilha sonora, provocando curiosidade frente à cena que se antecipa. Surge um computador e em sua tela é possível assistir a transmissão de um filme pornográfico – uma mulher magra, loira, de cabelos longos e lisos de cócoras<sup>3</sup> sobre o pênis de um homem deitado. Jane visualiza fixamente a sessão de sexo, até ser interrompida por sua mãe que adentra o espaço demonstrando incômodo. Ignorando o episódio, a mãe de Jane sai do recinto sem discutir sobre educação e/ou vida sexual (cena 01, 00:10:30-00:11:33)<sup>4</sup>.*

A sexualidade é tecida por uma teia ampla, trançando uma rede entre fatores fisiológicos, psicológicos e sociais. Mesmo que a sexualidade possua forte implicação orgânica, sua manifestação pauta-se em questões sociais, respeitando normas e discursos que buscam doutrinar corpos e desejos. Ressalta-se assim, práticas repressivas que determinam às masculinidades e as feminilidades almeçadas, excluindo todas as outras possibilidades de se ter uma vida sexual.

Frente a essa premissa, deparamo-nos com uma educação sexual de caráter controlador, que visa reproduzir os discursos normatizantes que reforçam estereótipos e eliminam uma vida sexual “além” dos padrões estabelecidos pela sociedade. Estas atitudes, que se apresentam como forma de repressão, gera desconforto as pessoas que fogem as regras, entre elas as pessoas com deficiência.

### Gênero e sexualidade: a dupla vulnerabilidade das mulheres com deficiência

*Jane solicita que Richard a escute atenciosamente, aciona a tecla on/C de sua prancha de comunicação alternativa e da início a seguinte gravação: “Não fui sempre assim, Richard. O sintomas só começaram a ser notados quando eu tinha cerca de dezoito anos, foi quando mudamos de volta para cá. Até então, eu era para todos os propósitos uma jovem normal, e não era totalmente sem atrativos, tanto que tinha até um namorado, meio feio, mas tinha ao seu favor o fato de ser um homem. Uma vez, quando tinha dezessete anos, ele pediu para dormir comigo, fui burra e não aceitei. Todos os dias da minha vida me arrependo dessa covardia, todos os jornais que leio hoje parecem fazer referência ao sexo, todos os livros, filmes, seriados e novelas de TV, comédia ou até programas de jogos, tem a ênfase no sexo, é mais importante do que o dinheiro. O dinheiro é um meio para um fim, o sexo é o fim (cena 02, 00:33:24-00:35:16).*


O recorte cinematográfico apresenta um relato de uma mulher rotulada por sua deficiência, limitada a imagem de um ser assexuado. De acordo com Nicolau, Schraiber e Ayres

---

<sup>3</sup> Agachar. Pessoa em posição agachada.

<sup>4</sup> Grifos da autora.





(2013), a mulher com deficiência possui a dupla função de recuperar a feminilidade que lhe foi negada e desenhar sua própria maneira de ser mulher e viver sua sexualidade, rompendo com a imagem estigmatizada a qual seu corpo é submetido.

Perante discursos que produzem os corpos desejáveis e determinam os padrões estéticos, vimos o corpo da mulher e da pessoa com deficiência sendo modificado/mutilado, por cirurgias corretivas e plásticas em detrimento da beleza, que representa um fator relevante para a legitimação do amor e do sexo.

Comungando com esse raciocínio, presenciamos na fala de Jane o arrependimento em não ter experienciado o ato sexual enquanto uma “jovem normal, com atrativos”. Anunciando implicitamente em seu discurso, a certeza de sua inferioridade perante o modelo de mulher e de beleza.

### Corpos estigmatizados

*Com um vestido vermelho, Jane espera em um quarto luxuoso de hotel pela chegada do gigolô<sup>5</sup> contratado. As portas se abrem e entra um homem alto, forte, com olhos claros e cabelos castanhos; veste um fraque e traz em suas mãos taças e um espumante. Com cuidado, o gigolô retira Jane de sua cadeira de rodas e a deita na cama. Levemente a acaricia e a despe. Em seguida, abre o zíper de sua calça e desabotoa sua camisa, ficando apenas de cueca branca. Jane desvia o olhar e o cessa por alguns segundos, demonstrando ansiedade e medo. Seu corpo treme ao sentir os lábios do homem contratado para lhe tirar a virgindade, passando por sua boca e seios; os dedos do gigolô percorrem as pernas de Jane, sua boca, seu cabelo; um olhar amedrontado e gritos. Jane não consegue prosseguir (cena 03, 01:11:23-01:17:54).*

Deleuze e Guattari (1995, p.41-42), nos mostra que um corpo sem órgãos não é um corpo vazio e desprovido de órgãos, mas um [...] corpo vivo, e tão vivo e tão fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização.


Compartilhando da afirmativa composta por Deleuze e Guattari: o corpo é o corpo. O corpo sem órgãos não é o contrário dos órgãos. “Ele se opõe a essa organização dos órgãos que se chama organismo” (PEIXOTO JÚNIOR, 2013, p. 221). O corpo sendo corpo, não pode ser descaracterizado, julgado e negado, por apresentar uma deficiência no organismo. Em outras palavras, deparamos com um corpo que aborda e é abordado pelas forças, um corpo que transforma e é transformado, que habita e é habitado e, que afeta e é afetado.

Um corpo em devir que transita, que é fluido. Um corpo que não precisa se enquadrar, se encaixar. Um corpo que não é anormal ou normal, que não é monstruoso ou perfeito. Um

---

<sup>5</sup> Refere-se à prostituição masculina; Homem, em geral jovem e bem-apessoado, que vive à custa de mulheres em detrimento de favores sexuais.





corpo que é corpo. Por esse viés, inferimos que a deficiência é intrínseca ao indivíduo, mas os sentidos e imputações direcionados a mesma, são construtos sociais produzidos por discursos doutrinadores.

A pessoa com deficiência, por muito tempo, foi silenciada, por ser diferente, por não corresponder ao padrão dominante. Maia (2011, p.80) ao falar sobre as limitações orgânicas decorrentes de algumas lesões medulares, destaca que, não necessariamente, haverá impossibilidade de manifestação da sexualidade. “Pois a expressão sexual poderá estar modificada em alguns casos, mas a sexualidade nunca deixará de existir”.

O corpo de Jane é um corpo. Um corpo que pulsa medo e desejo. Um corpo que anseia e repele toques. Um corpo que quer explorar e ser explorado. Um corpo que resiste e insiste, existe.

### **(In)conclusões**

As discussões não se findam, não cabem em textos rasos, em poucas linhas. É preciso espaço e aprofundamento para problematizar cada fala de Jane, que ecoa a voz de todas as mulheres com deficiência. Os grifos que compõem esse primeiro ensaio, apresentam o desejo de/por imersão nas temáticas apresentadas – educação sexual; gênero, sexualidade e deficiência; corpos, - apontando os caminhos que serão percorridos.

Brevemente, navegamos por questões polêmicas que circundam nosso cotidiano imprimindo mitos sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. Levantamos polos que merecem atenção e um debruçar.

Essas (in)conclusões surgem como um convite, uma maneira de aguçar o interesse e o desejo por adentrar na produção fílmica “Livre par voar”, rompendo o céu e os paradigmas que assolam as pessoas com deficiência.

### **Referência**

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. 1925-1995. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrênia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.


FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: M. Fontes, 2001.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Inclusão e sexualidade: Na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Juruá, 2011, p.186.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.7, n.1, p.35-46, 2001.







\_\_\_\_\_; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai.-Ago., 2010.

NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.18, n.3, p. 863-872, 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: Dagmar Estermann Meyer, Marlucy Alves Paraíso (organizadoras). **Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação**. – 2.ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Sobre corpos, intensidades e subjetivações contemporâneas. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista v. 11, n. 1, p. 215-227 jun. 2013.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVA, Gislaine de Fátima Ferreira. “**Arte por toda parte**”: as vozes das diferenças entre imaginários, monstros e máscaras. 153 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação)-Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/12216>>. Acesso em: 13 maio 2018.

\_\_\_\_\_. Corpos Estigmatizados: A perfeição das diferenças. In: **Anais do 6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 3º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**. Canoas: PPGEDU, 2015.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: Dagmar Estermann Meyer, Marlucy Alves Paraíso (organizadoras). **Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação**. – 2.ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

## Filmografia

‘**The Theory of Flight**’ (1 hora, 40 minutos e 11 segundos) (1998). Produção e distribuição: Europa Filmes. Direção de Paul Greengrass.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

